

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MEMÓRIAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO:
SOCIEDADE CULTURAL FERROVIÁRIA TREZE DE
MAIO**

ARTIGO DE GRADUAÇÃO

Lucinéia Inês Weber

Santa Maria, RS, Brasil.

2011.

**MEMÓRIAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO: SOCIEDADE CULTURAL
FERROVIÁRIA TREZE DE MAIO**

Por

Lucinéia Inês Weber

**Artigo de Graduação apresentado no Curso de Graduação em
Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM- RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Sociais.**

**Orientador: Prof. Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini
Santa Maria, RS, Brasil.**

2011.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Graduação em Ciências Sociais**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo de
Graduação.**

**MEMÓRIAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO: SOCIEDADE CULTURAL
FERROVIÁRIA TREZE DE MAIO**

elaborado por

Lucinéia Inês Weber

**como requisito parcial para obtenção de aprovação no Curso de
Graduação em Ciências Sociais.**

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Maria Catarina Chitolina Zanini, Dra.
(Presidente/ Orientadora)**

Giane Vargas Escobar. Ms.

Maria Rita Py Dutra. Mestranda.

RESUMO

**Artigo de Graduação
Curso de Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria**

MEMÓRIAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO: SOCIEDADE CULTURAL FERROVIÁRIA TREZE DE MAIO

**AUTORA: Lucinéia Inês Weber
ORIENTADORA: Maria Catarina Chitolina Zanini.**

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de cunho antropológico que tem por mote estudar a representação que a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio teve para seus sócios e para a comunidade santa-mariense em geral. Além disso, objetivou-se compreender a repercussão quando da sua criação, levando em conta o contexto em que exercia suas atividades e também o fato de ser uma Sociedade que foi criada pela e para a população negra de Santa Maria- RS.

Palavras-chave: Clube Social Negro, Memória, Ferrovia.

ABSTRACT

Graduate Article
Undergraduate Course in Social Sciences
Universidade Federal de Santa Maria

MEMOIRS OF A SOCIAL CLUB BLACK : RAILWAY SOCIETY CULTURAL
THIRTEEN MAY

AUTHOR: LUCINÉIA INÊS WEBER
GUIDANCE: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

This article is the result of a survey of anthropological theme that is studying the representation that the Railway Cultural Society Thirteen May had for its members and the community santa- mariense in general, as well as understand the impact upon its creation, taking into account the context in which they exercise their activities and also the fact that a company that was created by and for the black population of Santa Maria-RS.

Keywords: Social Club Black, Memories, Railroad.

Introdução

Este artigo tem por finalidade analisar a antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, as representações de seus ex-membros sobre a mesma, as atividades desenvolvidas e especialmente o público que abrangia no passado, quando o clube ainda tinha uma forte participação dos sócios.

Por se tratar de uma sociedade fundada por ferroviários negros em 1903 propus-me a tentar compreender os significados que a criação desta sede social tinha para aquele grupo e os principais problemas por eles enfrentados ao longo da existência da atividade ferroviária em Santa Maria- RS (de 1885 a 1996).

No decorrer do trabalho abordo questões que remetem a memória e a identidade desse grupo, para corroborar com isso, utilizei informações obtidas por meio da transcrição paleográfica das atas da Sociedade, realizei entrevistas e pesquisa etnográfica no Museu Treze de Maio que se localiza na antiga sede da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, no centro da cidade de Santa Maria- RS.

O trabalho de campo teve duração de aproximadamente três anos (de 2009 a 2011). Nos dois primeiros anos o contato foi através de um projeto de pesquisa, em que foi dada uma maior atenção a análise de documentos da antiga Sociedade e o terceiro ano corresponde ao período de realização do trabalho de conclusão de curso (TCC I e TCC II) que foi uma fase de maior intimidade com o campo da pesquisa e com as pessoas envolvidas com o Museu. Foram realizadas visitas semanais ao Museu Treze de Maio ao longo de todo período de execução deste trabalho.

Este artigo está dividido em quatro partes, em que primeiramente falo sobre minha experiência etnográfica, explicando a maneira como se deu o contato com o objeto de estudo. Posteriormente faço uma breve abordagem da atividade ferroviária para a melhor compreensão do contexto histórico-social em que surge a Sociedade. Na sequência é chegada a parte que corresponde ao surgimento e as atividades desenvolvidas pelo “Treze” e para concluir exponho por meio das falas de entrevistados as memórias desta Sociedade.

Uma etnografia entre documentos, lembranças e um Museu

Gostaria de inicialmente falar um pouco sobre como se deu o meu primeiro contato com o meu objeto de estudo. Desde o ano de 2009, já vinha realizando trabalhos de pesquisa como bolsista de iniciação científica para o desenvolvimento do projeto intitulado “Ferroviários em cena: Etnicidade, Trabalho e Memórias Operárias em Santa Maria- RS”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) e posteriormente do projeto “A ferrovia, a cidade e mundo do trabalho ferroviário (seus saberes e fazeres): dinâmicas passadas e presentes em Santa Maria-RS”, no ano de 2011.

No ano de 2009, eu e as demais integrantes do projeto iniciamos nossas visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, com o intuito de procurar nos jornais ali arquivados notícias sobre a Ferrovia, para compreender melhor de que maneira a atividade era retratada pelos jornais da época em que esta iniciou suas atividades na cidade. Aquele universo era completamente desconhecido por mim, por vir de uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul e nunca ter tido contato com a Ferrovia ou com ferroviários. Cada dia era um novo aprendizado, uma nova surpresa e aos poucos fui me envolvendo e querendo saber cada vez mais a respeito do assunto.

Ainda no ano de 2009, acompanhadas pela professora orientadora, fomos pela primeira vez ao Museu Treze de Maio, um Museu completamente diferente dos que eu já havia tido a oportunidade de conhecer. Este Museu foi criado no ano de 2001 com um grande esforço de várias pessoas a fim de preservar a memória de um grupo, que fora tão importante para história da cidade de Santa Maria e que ainda hoje é reconhecido pelos seus pares e por todos aqueles que vivenciaram aquele espaço e os que se apropriam dele nos dias atuais, mas que ainda busca reconhecimento e visibilidade em todos os âmbitos da sociedade.

Aos poucos fui conhecendo melhor a história daquele local, que tinha abrigado a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, a qual foi criada por ferroviários negros que não eram bem-vindos aos clubes dos brancos, fato este que me deixou ainda mais admirada, pois naquele espaço conviveram pessoas de uma classe social distinta, integrantes de uma “elite negra”, que apesar de ter um considerável poder aquisitivo não tinham um local de lazer e sociabilidade para si e também para suas famílias e que por

esses motivos e também a fim de comemorar a data da Abolição da Escravatura fundam esta Sociedade.

Foi neste contexto que “me encontrei” e encontrei o meu objeto de estudo, por que ali eu poderia estudar tanto este universo ferroviário que a cada instante me surpreendia e também a população negra e conhecer as dificuldades por ela enfrentada num período em que as formas de discriminação ainda eram muito marcantes.

Durante o período de pesquisa foram realizados grupos de estudo organizados pela coordenadora do projeto para nos preparar melhor para nossas idas a campo e também para a compreensão das questões envolvidas no universo pesquisado. Os textos trabalhados eram dos mais diversos assuntos, mas davam destaque a Ferrovia, grupos étnicos, metodologias para uma antropologia do trabalho e também a etnografia em arquivos.

Pode-se dizer que a justificativa para a escolha deste tema a ser estudado, deve-se ao fato de considerar de extrema importância como se davam as relações étnicas na ferrovia. Optei em estudar os ferroviários negros por considerar que tiveram uma grande contribuição para o setor ferroviário e para a história da cidade de Santa Maria.

No que diz respeito à metodologia utilizada para a realização da pesquisa, desenvolvi desde o ano de 2009 uma etnografia na antiga sede da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, que atualmente abriga o Museu Comunitário Treze de Maio. Essa etnografia tem como objetivo me ajudar a compreender melhor as relações que se davam no ambiente deste Clube Social, fazendo com que através desta interação entre pesquisador/objeto eu possa me despir das minhas opiniões previamente estabelecidas e manter uma relação mais íntima com o meu campo de pesquisa.

Realizei durante muito tempo a coleta de dados, tanto no museu Treze de Maio como também no Arquivo Histórico Municipal, fase esta que de acordo com Malinowski (1984) é uma das principais da pesquisa de campo.

Existe em minha pesquisa uma relação que vai muito além de apenas se fazer presente e coletar dados, aquela à que Cardoso de Oliveira (1998), chama de “Olhar, Ouvir e Escrever”, lembrando que os atos de olhar e ouvir não são independentes, mas sim complementares e que são etapas tão importantes quanto à de escrever ou interpretar os resultados da pesquisa, é essa relação que faz com que a pesquisa se torne mais bem realizada.

Estabeleci uma interação com meu objeto, selecionei textos, transcrevi atas da Sociedade, frequentei lugares comuns aos meus informantes a fim de poder estar mais presente e entender o cotidiano do grupo. Durante toda pesquisa escrevi os meus diários de campo, que foram de grande contribuição ao final da pesquisa, pois nessas anotações estavam os detalhes mais íntimos do trabalho como as conquistas, decepções, incertezas e realizações ao longo do trabalho.

Procurei realizar também o que Geertz (1978), denomina de “descrição densa”, que é a descrição de detalhes que podem parecer muitas vezes mínimos, mas que dão uma maior legitimidade à pesquisa, sem esquecer-se da necessidade de manter a coerência com o objeto de estudo. Trata-se de uma inserção no campo que possibilita intimidade e compreensão do outro em suas sutilezas e complexidades.

Ao trabalhar com a questão da memória é que tive os maiores resultados, pois somente aqueles que fizeram parte desse universo ou as pessoas com as quais compartilharam suas histórias de vida é que puderam sanar algumas das questões mais importantes da minha pesquisa. Por memória, compreendo, conforme Halbwachs (1990), as leituras do passado que são elaboradas no presente, partindo dos elementos nele presentes.

Realizei entrevistas com pessoas que estavam direta ou indiretamente ligadas a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, com o intuito de conhecer melhor as dinâmicas deste grupo, as entrevistas eram qualitativas e foram gravadas com a permissão dos entrevistados.

Segundo Halbwachs (1990), há a memória individual e também a memória coletiva. A memória individual é aquela própria a cada pessoa, “cada um é portador de sua memória e ela não está inteiramente isolada e fechada”, pois ela é uma construção social partilhada. A memória coletiva é partilhada por mais pessoas, a uma relação de fatos comuns a memória destes indivíduos e sempre se desenvolve num quadro espacial. Halbwachs ressalta ainda que a “a memória é nossa, é coletiva e social”.

Para que a memória dos outros, venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças destes grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado. (HALBWACHS, 1990, p.78)

Não posso deixar de mencionar o cuidado que tomei com a questão ética da minha pesquisa, por estar diretamente em contato com pessoas que merecem todo o meu

respeito e consideração, não pude deixar de adotar uma atitude de vigilância epistemológica, perante meu objeto de estudo, especialmente na parte de análise de documentos e transcrição de entrevistas. As mesmas foram realizadas depois de contatos prévios e acertados e com explicações acerca de meus objetivos e finalidade acadêmica.

A Ferrovia em Santa Maria: breves elementos

De acordo com Rodrigues (2003), a data que marca o início da modernidade santamariense, é 15 de outubro de 1885, que corresponde a chegada, na gare da viação férrea, do primeiro trem advindo da estrada de Porto Alegre- Uruguaiana.

A implantação das primeiras ferrovias no país foi estimulada por capitais privados nacionais e estrangeiros (principalmente inglês) que almejavam um sistema de transporte capaz de levar, de maneira segura e econômica, aos crescentes centros urbanos e portos do país toda a produção agrícola e de minério produzida principalmente no interior brasileiro.

A cidade de Santa Maria teve grande importância para o setor ferroviário estadual, especialmente por ser um local de entroncamento entre as principais linhas ferroviárias do Estado e também por ter sido sede dos escritórios da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

A atividade ferroviária na cidade foi responsável também pelo desenvolvimento das mais diferentes atividades, ela trouxe evolução, novas possibilidades de trabalho, progresso e condições mais dignas a uma grande quantidade de pessoas que vinham das mais diversas cidades brasileiras e que direta ou indiretamente estavam ligadas a atividade ferroviária santamariense.

No decorrer dos anos, após 1900, a cidade começou a adquirir uma identidade como pólo regional, destacando-se pela sua produção primária, comércio, educação e como centro ferroviário e militar. Disso decorreram uma série de questões que envolveram suas administrações públicas, no sentido de dotá-la como uma estrutura adequada de serviços, como os de saneamento básico, abastecimento d'água, abertura de ruas, eletricidade e prédios como bibliotecas, teatros, escolas, bancos e cinemas. (FLORES, 2007, p.156)

Flores, estudioso da atividade ferroviária em um de seus livros escreve sobre a chegada da *Compagnie Auxiliaire* na cidade de Santa Maria.

O Impulso que faltava ao desenvolvimento local foi dado quando a *Compagnie Auxiliaire* resolveu estabelecer seus escritórios administrativos e oficinas em Santa Maria ainda no ano de 1898, cujos reflexos se faria sentir duas décadas depois. (FLORES, 2007, p.165)

A vinda dessa empresa estrangeira traria ainda mais progresso para a atividade ferroviária na cidade, mais capital seria investido e uma maior mão-de-obra seria necessária para dar conta dos serviços a serem prestados.

A atividade ferroviária representou desenvolvimento econômico e foi uma das invenções tecnológicas mais importantes da sociedade capitalista moderna, não apenas no Brasil, mas também em inúmeros outros países é possível verificar o seu crescimento a partir do surgimento da Ferrovia.

As contribuições que a criação da Ferrovia teve são muito evidentes, elas se destacam no que diz respeito ao desenvolvimento das cidades, não apenas quanto à expansão, mas, também ao proporcionar o acesso a locais que anteriormente a essa atividade, eram praticamente inatingíveis. Outra contribuição é a constituição de uma grande diversidade de grupos étnicos na cidade, advindos dos mais diversos lugares.

Essa atividade possibilitou aos seus funcionários a obtenção de uma profissão de destaque. Em muitos lugares a própria organização espacial das cidades tem ligação direta com a criação da Ferrovia, pois, era geralmente em torno ou próximo aos trilhos que se desenvolviam as vilas de funcionários. A cidade de Santa Maria pode ser usada como exemplo desta afirmação, ainda hoje é possível verificar que a cidade se desenvolveu nos locais próximos as linhas férreas, dando origem as vilas onde residiam principalmente ferroviários. Da mesma forma, a atividade ferroviária atraía outros serviços como hotelaria, restaurantes, lojas e outros serviços.

De acordo com Ferreira (2007), ser ferroviário no Brasil era um privilégio. Esta classe de trabalhadores foi uma das primeiras a se organizar em sindicatos. Mesmo assim, a divisão racial, permanecia. Existia uma identidade de classe ferroviária ou ainda de uma “Família Ferroviária” e isso pode explicar o porquê de muitas vezes a identidade étnica e racial dos brancos e negros estar camuflada.

Segundo Lord (2002), as estradas de ferro supririam a inexistência de estradas, facilitando a comunicação, o deslocamento e o povoamento de regiões de difícil acesso

geográfico e escoaria a crescente produção das colônias imigrantes. Devido a grande importância do pólo ferroviário gaúcho a atividade atraiu capital estrangeiro.

Em alguns locais a importância da ferrovia foi tão grande que modificou a própria estrutura de algumas cidades e conseqüentemente suas formas de organização, é o exemplo escrito por Mantovani (2007), dando como exemplo a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais.

A atividade ferroviária não deixava de ser também uma forma de sociabilidade para seus operários, ser ferroviário lhes trazia a possibilidade de compartilhar valores, conhecimentos e também um sentimento de pertencimento ao grupo.

Outro papel importante desenvolvido pela ferrovia foi o de transmitir informações, era através dos trens que não chegavam apenas cargas, mas também passageiros e jornais, aos mais diversos lugares. Esses trens traziam muitas vezes também doenças, que se disseminavam com muito mais rapidez devido ao fluxo de pessoas e a diversidade de locais aos quais chegavam.

A chegada dos primeiros trens ao solo brasileiro modificaria por completo nossa economia e também as formas de organização das pessoas que aqui viviam, essa atividade passaria por altos e baixos e seus reflexos e contribuições ainda podem ser percebidos nos dias de hoje. Quando ocorreu a decadência dessa atividade ouvia-se dizer que “a máquina do progresso passou por cima de tudo”.

Segundo Monteiro (2007), a classe operária se materializa na ação coletiva, pois ela é constituída por pessoas que só podem fazer as coisas acontecerem coletivamente, isso requer organização, liderança, disciplina e coesão entre seus membros.

Como o trabalho desenvolvido ao longo da linha era de exclusividade masculina, as esposas dos operários despendiam seu tempo aos afazeres da casa e a confecção de doces a serem vendidos aos trens de passageiros nos momentos de parada para recarga da máquina.

A moradia operária era a forma mais direta de controle da empresa sobre a família operária. O princípio de solidariedade entre a comunidade se fazia presente e ainda hoje alguns princípios são passados de pais para seus filhos e netos.

Durante o período em que houve crises e revoltas, entre os próprios operários existiram os delatores, estes delatavam seus colegas que estavam em desacordo com o comportamento aconselhável pelo Estado.

Os operários delatados tinham fichas onde constavam suas características gerais, fotos e também seus “delitos” que muitas vezes não tinham como ser provados, pois até o que era apenas comentado poderia ser delatado e o simples ato de tramar algo contra os desejos do Estado já poderia ser considerado crime.

Após a Primeira Guerra Mundial assim como vários outros setores, a atividade ferroviária passa por grandes dificuldades financeiras, então em 1959, a ferrovia gaúcha passou a ser gerenciada pela administração federal, esse e outros fatores como o crescimento das rodovias contribuíram para a decadência da atividade ferroviária, segundo estudiosos da mesma.

Cada pólo ferroviário teve suas especificidades, mas os traços mais gerais eram semelhantes como, por exemplo, suas formas de organização em comunidades, as construções de vilas, o status que a profissão trazia e várias outras características que fazem com que as memórias deste período continuem sendo mantidas vivas através de lembranças compartilhadas.

Contexto histórico e surgimento da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio

A discriminação racial é vista como um dos maiores motivos que levou os negros a se organizar e criar as suas próprias associações e outros locais de sociabilidade. Cabe ressaltar que a formação dos primeiros clubes sociais negros é anterior a abolição da escravatura, portanto antes mesmo do ano de 1888 essas formas de associação já existiam.

A questão do racismo fica mais evidente no cenário brasileiro, com a abolição da escravatura, fato este que dava a impressão de que se poderia ter uma igualdade política e formal entre todos os brasileiros. Como se pode perceber atualmente, houve vários progressos, mas, muitas pessoas ainda hoje sofrem e são vítimas do preconceito racial.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à

aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 1985, p. 78-9)

A sociedade brasileira é uma das mais ricas de todo o mundo em termos de cultura e diversidade racial. As fontes de dados sobre a questão racial vêm-se aperfeiçoando e mostram claramente que as atitudes discriminatórias contra as populações indígenas e negras persistem na sociedade brasileira.

A escravidão no Brasil consolidou-se como uma experiência de longa duração a marcar diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira. Mais que uma simples relação de trabalho, a existência da mão-de-obra escrava africana fixou um conjunto de valores da sociedade brasileira em relação ao trabalho, os homens e às instituições. Nessa trajetória podemos ver a ocorrência de preconceito racial e social no decorrer de nossa história.

Como já sabemos, houve, na região sul do Brasil, uma prática de tentar afastar os negros, o que de certa maneira acabou dando certo, justifica-se assim o fato de algumas pessoas ainda imaginarem que na região sul há uma população predominantemente branca, situação esta que só dificultou ainda mais a vida dos negros.

A escravidão que existiu no Brasil faz parte do passado e do presente, já que se inscreve em nossos costumes, em nossas religiões mestiças e em nossos preconceitos.

Foi a intensa desigualdade racial brasileira, que vinha associada a formas usualmente sutis de discriminação racial, que de certa forma impediu o desenvolvimento de potencialidades negras e que acabou prejudicando o progresso da população negra.

Nó século passado a estação ferroviária era considerada a principal responsável pelo desenvolvimento da cidade de Santa Maria especialmente por abrigar os escritórios da Viação Férrea.

É neste contexto que engloba progresso e conquistas salariais que é criada a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

A primeira entidade genuinamente erigida por ferroviários na cidade foi a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, inaugurada em 13 de maio de 1903, cuja sede foi estabelecida na "Rua Silva Jardim". Numa época em que ainda eram acentuadas as diferenças étnicas, essa entidade reunia entre seus associados apenas a comunidades de trabalhadores afro-brasileiros e seus familiares. Esse evento demarca a expressividade dos descendentes de afro-brasileiros que atuavam nas ferrovias gaúchas, e que pela

segregação existente buscaram constituir espaços próprios de convivência social. (FLORES, 2008, p.273).

Para Escobar, estudiosa de Clubes Sociais Negros, mestre em Patrimônio Cultural e diretora técnica do Museu Treze de Maio:

A Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio foi fundada por “quarenta e sete cidadãos”, idealizado por negros e para negros, mais especificamente no ano de 1903, já que a eles não era permitido o acesso nas sociedades de brancos. Motivação relevante para sua criação foram também às comemorações alusivas a data da abolição da escravatura promulgada em 13 de maio de 1888. (ESCOBAR, 2010, p.99)

De acordo com as informações do Catálogo do Fundo Fechado da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio (2010, pág. 35), “foi com banda de música, um grande número de sócios e sócias, “doces e líquidos”, que, no dia 14 de maio de 1911, animados ao som da “Banda de Música Lira popular”, saindo direto da residência do Sr. Sisdade Antonio de oliveira, às três horas da tarde, seguiram todos reunidos para o local, aonde já havia “grande massa de sócios e curiosos”, para assistir ao “assentamento da pedra fundamental” que deu início á construção da primeira sede da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio”. Foi construída por negros operários da Viação Férrea, que recebiam da direção, tábuas dos vagões de trens desmanchados.

Assim como outros Clubes o “Treze” foi construído em um lugar bem localizado que hoje faz parte do centro da cidade. Esses Clubes podem ser considerados como locais de distinção entre seus membros.

Uma parcela de trabalhadores negros no pós-abolição foi incorporada às instituições públicas como a marinha, o exército, a ferrovia, e, em especial no Rio Grande do Sul, introduzidos nos quadros da Brigada Militar, instituição criada pelo Governo Júlio de Castilhos, em 1892. Embora estes trabalhadores negros ocupassem os quadros de menor remuneração, foi também através destes mecanismos que os negros conquistaram uma melhor expectativa de vida, “negociando diariamente para poder viver, algo mais que o mero sobreviver”, foi por meio do trabalho assalariado, o que de certa forma permitia mobilidade social, garantindo condições para que também pudessem construir suas associações e fundar os seus clubes sociais negros, que, no Rio Grande do Sul, surgem especialmente no período pós-abolição. (ESCOBAR, 2010, p.3)

O “Treze” foi fundado por um grupo de famílias negras, residentes na cidade de Santa Maria- RS, como tentativa de autoafirmação, de uma identidade, uma identidade negra, demonstrando de forma bem visível os seus “sinais diacríticos”, que faziam com

que esta sociedade tivesse suas características próprias e um grande sentimento de pertença partilhado por seus membros.

Os membros da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, faziam parte de uma elite, uma “elite negra”, seus sócios eram funcionários da ferrovia, tinham uma situação econômica muito boa, mas não podiam frequentar os clubes dos brancos, aumentando assim ainda mais a necessidade de ter um lugar para si e para suas famílias, um lugar onde se sentissem bem, como se sentiam em casa, esse lugar era o “Treze”.

A elite que ocupa postos de comando pode ser considerada como constituída de possuidores de poder, da riqueza e da celebridade. Estes podem ser considerados como membros do estrato superior de uma sociedade capitalista. Podem também ser definidos em termos de critérios psicológicos e morais, como certos tipos de indivíduos selecionados. Assim definida a elite, muito simplesmente, é constituída de pessoas de caráter e energia superiores. (MILLS, 1962, p.22)

A elite do Treze pode ser vista como um grupo detentor de “status”, de uma posição social de destaque perante os outros negros da cidade, não apenas por ter um maior poder aquisitivo, mas especialmente por ter um local de sociabilidade que os difere daqueles que não podiam participar. É necessário ressaltar que havia distinções entre os próprios membros do Treze, especialmente no que diz respeito à situação financeira. O negro que era pobre muitas vezes não podia participar das atividades desenvolvidas pelo Clube, a própria maneira das pessoas se vestirem para participar dos bailes já demonstrava que não era qualquer um que poderia participar. Em algumas ocasiões os homens só poderiam entrar se estivessem vestindo ternos e as mulheres em trajés de gala, lindos vestidos longos, roupas que uma pessoa que não tivesse uma situação econômica relativamente boa não poderia comprar.

Neste aspecto podemos comparar o “Treze” ao Renascença Clube, localizado no Rio de Janeiro e descrito por Giacomini (2006, p.20), como “um segmento muito particular da população negra da cidade do Rio de Janeiro, que se poderia considerar como constituindo uma elite negra”.

Outra característica comum aos dois clubes é que os membros do Renascença Clube também não tinham acesso aos clubes dos brancos. O “Treze” era o local onde os ferroviários negros da cidade bem como, suas famílias, se reuniam em suas horas livres, conversavam, se divertiam, encontravam os amigos e discutiam assuntos importantes.

As atividades desenvolvidas por essa sociedade diziam respeito ao movimento social, esportivo, cultural e recreativo, dentre os quais destaco os concursos de beleza, bailes com música ao vivo, aniversários, casamentos, jogos de futebol, etc.

Para exemplificar melhor usarei uma parte da transcrição paleográfica¹ da “Ata de Terceira Reunião do Conselho Deliberativo, contando com a presença dos demais conselhos Executivo e Fiscal”, que foi realizada “aos dez dias do mês de junho do ano de mil novecentos e oitenta e dois (1982), na sede da Sociedade 13 de Maio”.

[Fls. 007-V]...Movimento Social, Esportivo, Cultural e Recreativo.// Em abril de 1981 contratamos o balneário/ Chácara das Flores, por um período de dois/ anos, dentro dos parâmetros do inquilino, isto é com opção de compra no final.//2. Disputamos tres concursos de beleza que envolve-/ram rainhas desta sociedade.//A) Miss Mulata do Rio Grande do Sul edição 1981 realizada em Rio Pardo e esta sociedade conquistou o título de 2° princesa desta/ cidade com a Snt° Zanete Calil.//B) Concurso Rainha do Balneário de Santa/ Maria edição 1982 e 1° digito : quarto lugar com/ a St° Claudia Bassoaldo.//C) Concurso Rainha do carnaval de 1982 onde lo-/gramos o título de segunda princesa da cidade com a St° Rosane Jupira Bibiano.//3. Baile com músicas ao vivo, foram/ realizados neste período treze bailes e trinta e seis saraus e boite. Quatro jantares fes-/tivos e dançantes da ala feminina.//Aniversários e casamentos: Foram reali-/zados tres de associados desta sociedade.//5. Reunião Culturais- foram realizadas/ [Fls 007-V] “Trinta e seis, vencemos vinte setes das mesmas...” 6. Partidas de futebol de campo- foram/ realizadas trintas e seis, vencemos vinte/ sete das mesmas.//7. Cursos Culturais:// Dois cursos de esteticismo e estética para associados.//8. Cabeleleiro://Mantivemos um para o atendimento do quadro social.//9. Confraternização Social Inter-municipal// Com CTG Crioulo de São Sepé.//10. Brigas e Atritos no recinto da sociedade: uma envolvendo os associados Silvio/ da Silva e Luiz Eduardo Santana.//11. Frequencia de sócios e sede campestre no/ período balneário:// Em média de cento e cinquenta pessoas/ por dia//12. Rústica(atletismo)//Uma comemorativa aos aos setenta e oito anos da/ sociedade e cento e vinte e cinco anos de emanci-/pação política e Santa Maria.//13. Conselho Deliberativo:// No dia treze de maio, realizamos a/ posse do 1° conselho deliberativo desta sociedade.// “Este real” digito este relatório espelha/ fielmente o movimento desta sociedade em doze/ meses, que como podemos observar foi bastante/ variado e atingiu toda as camadas sociais desta Sociedade.//

Por meio desta transcrição podemos ter uma noção da grandiosidade da Sociedade, bem como da grande quantidade de atividades realizadas e pessoas que frequentavam a mesma.

O “Treze” tornou-se uma entidade respeitada e frequentada por um grande número de sócios, pautada nos princípios de moralidade e rigidez da

¹ A transcrição paleográfica é um método usado pela arquivologia para transcreever documentos. A transcrição é feita de maneira literal, a cada final de linha há um espaçamento de barra (/) e a cada parágrafo um espaçamento de duas barras (//). [Fls. 007- V] significa que a ata está escrita na página 007 do livro de ata e que tem continuação no verso da página.

sociedade da época. O espaço físico que os associados dispunham para as atividades desenvolvidas era insuficiente. Após seis décadas de muita atividade e cada vez mais associados foi elaborado e executado um projeto de ampliação e construção de um novo prédio para a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio. Conforme depoimentos dos antigos associados, em 2001, a Sociedade chegou a ter oitocentos sócios efetivos, todos negros. (ESCOBAR, 2010, p.107).

As mulatas representantes do “Treze”, tinham grande destaque nos concursos de escolha da rainha do carnaval da cidade, afirmação esta, embasada em notícias encontradas nos jornais da época.

Segundo Giacomini (2006, p.84), “a mulher negra parece ser figura central, porque repousa sobre ela grande parte da responsabilidade moral quanto á “dignidade” ou “honra” do grupo, que se confunde com aquela da família”.

A relação entre brancos e negros na ferrovia também tinha seus altos como podemos constatar nas palavras de Ferreira (2007), “o silêncio, a respeito de certas questões raciais, se fez, de certa forma para permitir a convivência para os trabalhadores brancos e negros”. Isso demonstra que o trabalho da memória também está associado á organização social da vida. Os relatos fazem-se ligados as relações de poder.

Para Monteiro (2007, p.20), “A classe operária se materializa na ação coletiva, pois ela é constituída por pessoas que só podem fazer as coisas acontecerem coletivamente, isso requer organização, liderança, disciplina e coesão entre seus membros”. Era dentro do mundo da ferrovia que os operários concebiam seus planos familiares, suas aspirações, construiriam suas culturas, bem como, era neste universo que ocorriam também as divergências e intrigas.

O “Treze” recebeu a fama de ser um local de rigidez tanto na forma de se vestir para poder participar dos eventos que eram ali realizados, quanto no comportamento moral que deveria estar de acordo com o que esta Sociedade julgava adequado para que pudessem frequentar o Clube.

O Clube Treze de Maio era um local rígido, que contrariava qualquer estereótipo negativo do povo negro e seus idealizadores e frequentadores faziam questão de assim se mostrar à sociedade, e neste caso, durante muitos anos esta também foi uma maneira daqueles trabalhadores negros fugirem dos estereótipos que a eles eram imputados, saindo do esquecimento para a visibilidade, tornando-se um dos mais requisitados Clubes Sociais Negros do interior do Estado, aonde aconteciam os “melhores carnavais de Santa Maria”, os mais lindos bailes de debutantes, bailes da primavera, baile da balança, além da sociedade incidir e intervir diretamente na educação de seus associados com aulas de reforço, de etiqueta e corte e costura para moças, dentre tantos outros cursos que

visavam a formação de um caráter correto, sem desvios, sem precedentes para falatórios ou que viesse a envergonhar a sociedade, e se por acaso isto viesse a acontecer, aqueles que se “comportavam mal” na sociedade eram banidos, expulsos, sem piedade. (ESCOBAR, 2010, p.6).

Os clubes sociais tinham um papel importante também no que diz respeito à manutenção da memória do grupo. Para Escobar (2010), “os negros reforçaram, na memória nacional, por quase um século, a figura da Princesa Isabel, como representante máxima responsável pela libertação dos escravos, e as elites dominantes deste país” e levaram quase um século para se perceberem enquanto protagonistas da Abolição e por isto nos dias de hoje as comemorações em torno da “Consciência Negra”, quando se celebra o dia 20 de Novembro como data magna do Movimento Negro”.

Os ferroviários tinham destaque nessa sociedade, tanto que até a década de 60 apenas funcionários da ferrovia é que poderiam fazer parte da diretoria do Clube e no ano de 1947 os sócios do “Treze” passam a ter suas mensalidades descontadas de suas folhas de pagamento junto à Ferrovia.

No ano de 1966 é inaugurada a nova sede da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, que se localiza no mesmo local da antiga, local que nesse período correspondia à periferia e hoje faz parte do centro da cidade, a nova sede passou a contar com um espaço amplo para a realização de diversos eventos, reuniões, festas, bailes, dentre outros.

O fato de terem criado para si um clube social próprio, demonstra a vontade de terem para si um espaço não só de convivência, mas também de sociabilidade.

Segundo Domingues (2007, p.103) “de cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural”, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Isso ocorre em decorrência do fato de que para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação.

A importância dos clubes recreativos como espaços de convivência, de (re)definição de identidades, de oportunidades para o exercício da amizade, de extensão da rede de relações e poder, foi observada não somente pelas elites, mas também por pessoas de outras categorias sociais como os trabalhadores urbanos e aqueles pertencentes a grupos étnicos como italianos, japoneses e negros. Portanto, os clubes eram instituições informais espalhadas pelas inúmeras cidades do país congregando pessoas de diferentes status social e étnico, desde o final do século XIX. (TANNO, 2011, p. 329).

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio passou por várias fases desde sua criação até o período de decadência. Em um de seus trabalhos Escobar contextualiza a trajetória da sociedade em cinco períodos distintos.

A fase da criação (1903-1914); o período de transição, de intercâmbios com outras sociedades congêneres (1920- 1940); a fase de legitimação e fortalecimento da Sociedade, o auge, os grandes bailes, intensa visibilidade, afirmação de uma “elite negra” (1950- 1980); a decadência, desestruturação, perda de parte da identidade original (1990- 2000) e etapa de revitalização e “reinvenção do patrimônio”, como espaço comunitário, o Museu Treze de Maio (a partir de 2001). (ESCOBAR, 2010, p. 97).

Como citado anteriormente, foi a partir da década de 80 que se iniciou a decadência da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, que foi anterior a da atividade ferroviária na cidade e que perdurou por muitos anos. Os membros desta sociedade tinham grande orgulho em fazer parte da mesma, hoje eles relembram com alegria e saudade os bons momentos vividos no clube, um tempo que ficou para trás, mas, que está e estará guardado nas lembranças de várias gerações.

No ano de 2001 é criado o Museu Treze de Maio, esse processo de transição não foi fácil, exigiu muito esforço e perseverança que pode melhor exemplificado no trecho que segue:

O processo de transformação, “reinvenção do patrimônio” e ressignificação do antigo Clube Treze de Maio (que se encontrava em estado de total abandono e com instalações precarizadas pela falta de manutenção e com inúmeras patologias) em um Museu Comunitário não se deu de forma natural e espontânea, houve resistência á nova proposta. Porém as críticas eram feitas por pessoas que desconheciam o Projeto e a possibilidade de uma museologia participativa e comunitária e á medida que iam se apropriando daquele conhecimento, mais adeptos foram se aliando aquela iniciativa. Foi um longo processo de sensibilização de antigos sócios, militantes do Movimento Negro e sociedade santa-mariense. (ESCOBAR, 2010. p. 7).

Mudar a tipologia de um clube social negro para museu mexeu com os antigos associados, até porque o clube social foi uma antiga forma de resistência negra, em especial nas regiões onde o racismo era mais acirrado, tanto é que o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que conta com o maior número de Clubes Sociais Negros, são 53 no total.

No dia 13 de maio de 2011, foi realizada a comemoração ao aniversário de 108 anos de criação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, oportunidade em que se deu o lançamento do “Portal dos Clubes Sociais Negros do Brasil”, que tem como um dos objetivos principais, dar uma maior visibilidade á história e atividades dos Clubes Sociais Negros.

Memórias e saudades do “Treze”

Considero esta a parte mais significativa de meu trabalho, porque foi através das entrevistas que pude compreender o que o “Treze” significa para os Negros de Santa Maria.

Nesta etapa, meu público alvo foram pessoas das mais diferentes faixas etárias, tinham entre quarenta e oitenta e dois anos de idade. Essa variação na idade dos informantes foi uma escolha própria, feita para compreender através dos discursos de pessoas que tiveram contato com o “Treze” em épocas diferentes o contexto geral da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

O questionário aplicado era composto por vinte questões, correspondentes a um roteiro programático que eu queria seguir, todas as questões tinham respostas abertas a fim de não influenciar nas respostas dos informantes e deixa-los a vontade para responder apenas as que desejassem.

A estrutura era bem diversificada para que além de encontrar as respostas que procurava, pudesse também conhecer um pouco melhor os informantes, pois com alguns não havia tido um contato prévio. Algumas entrevistas foram realizadas na companhia da professora orientadora.

Uma das indagações mais importantes era de como esses informantes tiveram seu primeiro contato com o “Treze”? As respostas foram bem variadas, havia pessoas que tinham participado ativamente da sociedade nos anos de apogeu, outras que inicialmente não frequentavam o Clube pelos mais diversos motivos e outras que o conheceram quando já estava em decadência.

Olha, fala bem a verdade, no Treze a gente ia pra olha, na frente, porque antes era só ferroviário que era bem credenciado, a gente que era pobre não podia participa, então a gente ia pra frente ali do Cícero Barreto, olha

quando entrava aquelas moça né bem bonitas, bem vestidas e a gente não tinha condições aí a gente olhava. Depois com o passar dos anos, foi indo, foi indo, foi mudando e aí já deu pra gente participa das festividades lá, mais só se o pai ou a mãe fossem levar, pois que nem agora que saem sozinha e vão por tudo, isso não tinha, não, e adequadamente tinha que tá bem vestido. Não podia ir com roupa feinha né, também eles olhavam de alto abaixo, já não entrava. Se pudesse na porta dizer que tu não entrava, tu não entrava! Tinha que tá bem vestidinho. Aí então a gente ia, depois então a minha irmã participo dum baile, e só não sei o nome do baile, mas era um baile muito chique. Aí ela como a mãe pode arruma roupa pra ela ir, ela foi, e eu como não tinha pras duas, eu só fui olhar a chegada, mas, era muito bonito e o carnaval também era a mesma coisa. (Lina, 2011).

Esta informante não frequentava o “Treze”, mas, sim o “União Familiar”, que também era um Clube para pessoas de “cor”, mas por ser um local menos rígido, especialmente na questão das roupas adequadas para se entrar na sociedade e por aceitar casais mistos, acabou atraindo um grande número de pessoas.

De acordo com o que eu já havia estudado a respeito dessa Sociedade o surgimento do “Treze” podia ser considerado como um marco na história, não apenas da cidade de Santa Maria, mas especialmente na vida da população negra da cidade. Meus informantes complementaram ainda mais essa constatação.

Olha em primeiro lugar por ser um espaço de socialização, por que tu vês em 1903 tu já pensava em lazer em ter um local né pra levar a tua família nos finais de semana então neste ponto eu vejo que é importante o esforço das pessoas que se uniram pra criar a sociedade pra fundar e marcar um espaço negro porque? Porque os alemães tinham as suas sociedades, os brancos tinham, tinham as sociedades, a classe dominante, a burguesia tinha suas sociedades. (Maria, 2011).

[...] eu gostava por que se estavam ali a coisa era bem honesta tinha que ser bem certinho porque o Treze permaneceu com aquele regime militar até acabar, sabe...se complicavam lá dentro, davam suspensão e não iam mais né, e hoje em dia não: brigam nas sociedade, vão lá e na próxima brigam de novo, antigamente ali não era assim, olha que a minha filha mais velha tá com 44 olha só quantos anos se passaram, e era assim. Então quando eles diziam: oh pra onde vocês vão? Ah nó vamos pro Treze, tal hora tem que ir, tal hora tem que voltar, e voltavam né, fosse baile as 3, 4 horas vocês tem tá em casa e eles voltavam. (Lina, 2011).

Havia uma grande curiosidade de saber qual foi o sentimento das pessoas quando o “Treze” fechou, pois, foi muito impactante o momento em que ao transcrever o último livro de Ata da Sociedade encontro escrito neste livro, num período de grande decadência as seguintes palavras: “E o sonho acabou!” Naquele mesmo instante me dou conta de que se eu, que estava ali estudando e não tive nenhum contato direto com a Sociedade enquanto ainda exercia suas atividades, me senti triste, quão grande deve ter sido esse impacto nas pessoas que frequentavam o Clube?

Durante as entrevistas percebo que este sentimento de tristeza e saudade é partilhado pelos informantes. Isso pode ser explicado por Barth (1998, p.34) que diz que “se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com os outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. Constatado assim que aquelas pessoas tinham um grande sentimento de pertença ao “Treze”.

Me surpreendeu muito. Quando eu sei que o Treze fechou dá uma tristeza, por que foi um espaço né, de socialização que de repente deixou de existir. Então tu ficas triste né. O que é que deu errado? (Maria, 2011).

Muita tristeza né, muita tristeza, porque daí não tinha mais o salão por que antigamente ainda tinha salão tinha o Comercial, o santa-mariense, o Caixeiral, não... Negro não entrava né, aí quando aquilo ali foi indo que misturou todos né, é que terminou, justo quando misturou as raças né, acabou! (Lina, 2011)

Há vários fatores que contribuíram para que ocorresse essa decadência, dentre as quais destaco a minimização das fronteiras étnicas até então estabelecidas. Assim como os brancos passaram a frequentar o “Treze”, membros do “Treze” também tiveram, aos poucos, a oportunidade de frequentar outros clubes da cidade, esse processo fez com que muitos integrantes passassem mais tempo em outros clubes do que no seu, gerando assim dificuldades em vários aspectos e até mesmo na manutenção do clube.

Outra questão norteadora deste trabalho era a de tentar compreender se havia alguma forma de preconceito para com os ferroviários negros, pois naquela época no cenário histórico nacional as formas de preconceito eram bem visíveis. Tentei analisar se apesar do fato de serem membros de uma classe social de destaque, sofriam alguma forma de preconceito perante os outros membros.

Tinha, tinha. No nosso caso né a nossa família era mais pobre e dos ferroviários era mais rico então basta dizer que nem olhavam direito pra nós, por que, por que nós tinha menos e eles tinham mais. (Lina, 2011).

Olha eu nunca ouvi. Mas o trabalho que era executado pelos negros era muito pesado né, que o trabalho que eles faziam era o trabalho pesado não exigia formação, não exigia leitura né, mas eles iam pra ir abrindo estradas construindo estradas né abrindo picadas e cortando aquelas madeiras pesadérrimas. (Maria, 2011).

Pude perceber que a maioria acreditava que havia sim, algum tipo de preconceito, mas, não necessariamente pela etnia, as formas de preconceito poderiam se dar de

várias maneiras como no caso das diferenças de classe econômica e eram tanto entre brancos e negros, bem como entre os próprios negros entre si.

O “Treze” teve grande importância na vida de meus informantes e é responsável por trazer boas lembranças a eles pelos mais diferentes motivos: por realizações pessoais, pela época de namoro, pois, segundo um dos informantes ele conheceu sua esposa “lá no Treze”.

Quando ele me contou que namoravam nos bailes do “Treze” eu ficava me perguntando como seriam estes namoros em um ambiente com tanta rigidez quanto aos comportamentos julgados como adequados? A sua resposta deixou ainda mais visível esses conceitos de moral e rigidez.

A gente namorava lá no Treze, mas sabe né, não podia pegar na mão nem nada. Tinha que dançar bem longe um do outro, rosto colado? Nem pensar, não podia, era proibido. Tinha gente que quando fazia o que não devia tinha que sair do baile e ainda ficava falado, era tudo muito comportado. (José, 2011)

A decadência da atividade ferroviária em Santa Maria foi muito sentida pela população, por que ela abrangia um grande número de pessoas, que estavam ligados direta ou indiretamente a esta profissão.

Mesmo com o fechamento das atividades desenvolvidas na cidade, ainda hoje os ferroviários são vistos como detentores de um *status* social, que o trabalho na ferrovia lhes forneceu. Mas, e na opinião dos informantes o que havia mudado na cidade?

Mudou sim né, isso aqui era um centro e todos passavam por Santa Maria pra ir daqui pra qualquer lugar da fronteira e depois acabou né, teve um dia que eu passei ali pra ir numa amiga que mora do outro lado e disse assim ó: Que tristeza pra quem viu a estação, que eu vi né, movimentada que a gente cuidava os horários dos trens por que nos horários que o trem chegava e saía a gente gostava de ir lá ver a chegada, às vezes a gente pedia pra mãe: Mãe dá pra senhora nos levar na estação? Que que vocês querem lá, aí ela dizia, não começa a arrastar asa pra esses guri a mãe dizia, mas não era a gente gostava de ver a chegada e saída dos trens tão bonita e saía abanando e quando a vó viajava quando nós não ia, um de nós não ia, só ia um aí ia todo mundo pra estação tu vê só um bando de gente pra um ou dois só ir viajar, todos abanando com as mãos, era bom, era bonito e eu sempre quando passo ali eu me lembro, tenho lembranças daquele tempo, o movimento da estação aquele pessoal chegando. O meu irmão esse mais velho que faleceu, teve uma simulação de uma guerra que foram tudo pra fronteira e eu me lembro que a vó pediu pra nós ir lá na estação na saída deles e eu lembro que eu no caso não fui, eu fiquei ali na Borges, ali onde passa, tinha os trilhos né a gente ficou esperando ele passar ali de trem e eu recordo que a vó chorava muito por causa do neto

né e a mãe tinha ido lá na estação o pessoal tudo abanando, sabe. (Lina, 2011)

Nesta passagem é possível perceber a saudade, um sentimento que é partilhado por inúmeras pessoas que tiveram contato com a atividade ferroviária na cidade.

Outra indagação feita ao longo da pesquisa era a de saber o que a criação da Sociedade Cultural ferroviária Treze de Maio representava para a população negra santa-mariense. Dona Maria, uma de minhas informantes possibilitou a compreensão desse acontecimento.

Então pra mim o que a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de maio representava? Representava aquele máximo né, era um local assim que eu achava que jamais merecia ou em fiz merecedora de participar daquele grupo sabe? Era uma coisa muito importante. Representava a concretização de um trabalho de um grupo de pessoas que cuidavam do lazer das famílias negras santa-marienses. (Maria, 2011).

Ao final das entrevistas, tentava fazer um contraponto com as opiniões dos informantes, buscava compreender o que significou para eles a criação do Museu Treze de Maio, de que maneira viam aquele espaço e se possuíam alguma ligação com o Museu.

Ah eu acho que melhorou muito, muito de lá prá cá. Por que agora as crianças, se tu for lá entrevistar as meninas elas vão dizer que não tem distinção de pobre e de rico, tão tudo junto agrupadinhas dançando é branco é preto, dançando nas dandaras e antigamente não era assim, se tu tivesse dinheiro tu iria participar mas se tu não tivesse, não iria e ali nas dandaras eles tem apadrinhamento né, se alguma das meninas não pode comprar roupa sempre um ou outro se ajudam o grupo em si e se vestem todas iguais e saem a dançar, saem a viajar tudo...antigamente era bem diferente mas, agora existe amizade, união, respeito e conhecimento entre eles sabe, por que quantas vezes eu saio com minhas netas a gente encontra os amiguinhos delas e elas dizem assim: Ah aquela lá vai no grupo, aí eu disse que grupo? Lá nas dandarinhas. Aí eu digo: Ah, mas ela não participa! Participa, participa sim vó. Eu nem reclamo, mas aí antigamente se fosse no meu tempo já não participaria, são brancos, são mulatos, mulato também não se misturava né, então tinha diferença. Então tem muita diferença do passado pro presente. (Lina, 2011).

Nesta fala de dona Lina podemos perceber que as atividades desenvolvidas no Museu, permitem a participação de pessoas de diferentes etnias. As atividades são bem diversificadas, existem grupos de dança, de capoeira, grupo vocal de mulheres negras, dentre outros.

Para dona Maria a criação do Museu remete principalmente a valorização da cultura. “Eu entendo que essa construção. Do museu é um espaço de congressamento né, de valorização da cultura afro de visibilidade do povo negro”. (Maria, 2011).

Pude perceber através da execução deste trabalho que meus informantes e inúmeras outras pessoas ainda mantêm contato com “Treze”, essas pessoas participam direta ou indiretamente das atividades desenvolvidas pelo Museu Treze de Maio.

Gostaria de destacar uma dessas atividades que é a “Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio”, este encontro consiste em proporcionar aos antigo membros do Clube um momento para compartilhar suas memórias, é um encontro muito importante para a valorização da memória dessa sociedade e também para a própria história de vida dessas pessoas.

Considerações finais

Ao finalizar este trabalho alguns aspectos ficaram muito claros quanto à importância do “Treze” para a população negra de Santa Maria. O “Treze” surge como um espaço inovador que proporcionou ao mesmo tempo sociabilidade, diversão e aprendizado. Ele era a concretização de uma sociabilidade “regrada” para um grupo de trabalhadores negros que almejava, também, que suas família tivessem lazer adequado.

O “Treze” foi uma sociedade de destaque na cidade, pois, abrangia um grande número de pessoas, pessoas impedidas de frequentar outros Clubes por serem negras, daí a sua principal importância levando em conta o contexto daquela época. Os ferroviários tiveram grande contribuição para a criação e manutenção desta Sociedade.

Entre os informantes o sentimento de saudade e de tristeza eram partilhados, saudade deste tempo bom que eles sabem que não tem como voltar e tristeza pelo fato de terem perdido uma sociedade que era deles, e só deles.

Com a criação do Museu Treze de Maio surge a possibilidade de resgatar valores por vezes esquecidos. Esse Museu contribui para a revitalização desse espaço de luta do povo negro e abriu caminho para retomar o desenvolvimento de algumas atividades que eram desenvolvidas no antigo Clube.

A história da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio continua guardada nas falas e na memória de seus membros, espero ter contribuído para dinamizar ainda mais as contribuições desta sociedade para o povo negro santa-mariense.

Referências Bibliográficas:

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. IN P. Poutignat e Jocelyne Streiffen-Fenart. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP. 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, v.39, n.1, p. 13- 37, 1998.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. Ed. Selo Negro. 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos teóricos**: Revista Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp. 100-122.

ECKERT, Cornélia. **Memória e Identidade**. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, n.11, 1993.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Dissertação de mestrado, UFSM, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil**. In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010.

FERREIRA, Lania Stefanoni. **Racismo camuflado na “família ferroviária”:** brancos e negros na companhia Paulista em São Carlos. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

FLORES, João Rodolpho Amaral. **Fragments da história ferroviária brasileira.** Santa Maria: Palotti, 2007. (Estudos Ferroviários 1).

FLORES, João Rodolpho. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.** Santa Maria: Palotti, 2008. (Estudos Ferroviários 2).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro- O Renascença Clube.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Gênero, raça e projetos em um Clube de Negros no Rio de Janeiro.** Congresso da LASA, Rio de Janeiro, Brasil, Junho de 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vertice, 1990.

LORD, Lucio. **Nascidos na beira dos trilhos: um estudo antropológico na Vila dos ferroviários, Porto Alegre.** Revista eletrônica Iluminuras, Porto Alegre, vol.3, n.5, 2002.

MANTOVANI, André Luiz. **Melhorar para não mudar: ferrovia, intervenções urbanas e seu impacto social em Ouro Preto- MG, 1885-1897.** PUC, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução –Tema, Método e Objetivo desta Pesquisa”. **In Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: abril, 1984.

MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar. 1962.

MONTEIRO, Claudia. **“Fora dos trilhos” As experiências da militância comunista na rede de viação Paraná– Santa Catarina**. Porto alegre. 2007.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Anais do XXXI. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em São Paulo em Ago.1954 v.1.

RODRIGUES, Luiz Carlos Bonotto. **Santa Maria nos trilhos da modernidade: uma experiência ferroviária (1885-1931)**. Dissertação de mestrado. UFSM/ RS, 2003.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional: Brasília, INL. 1976.

SILVA, Joselina Da. **A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n°2, 2003, pp. 215- 235.

TANNO, Janete Leiko. **Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: Identidade, Sociabilidade e Lazer (1889-1945)**. UNESP- FCLAS- CEDAP, v.7, n.1, p. 328-347.

WEBER, Max. **Relações comunitárias étnicas**. IN: Economia e Sociedade. Vol.1 3 ed. Brasília: Edunb, 1994 p.267-275.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina (organizadora). **Por que “raça”? : Breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na antropologia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. 280p.

